



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
SANTA MÔNICA

BEATRIZ PAGANO COUTO

FAMILIARIDADE INEVITÁVEL:
Maneiras de lembrar um nascimento



Uberlândia

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
SANTA MÔNICA

BEATRIZ PAGANO COUTO

FAMILIARIDADE INEVITÁVEL:
Maneiras de lembrar um nascimento

Uberlândia
2023

BEATRIZ PAGANO COUTO

FAMILIARIDADE INEVITÁVEL:

Maneiras de rememorar um nascimento

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Área de Artes Visuais do Instituto de Artes da
Universidade Federal de Uberlândia como
requisito parcial para obtenção do título de
bacharel em Artes Visuais

Orientador: Prof^ª. Dra^a. Clarissa Monteiro
Borges

Uberlândia

2023

BEATRIZ PAGANO COUTO

FAMILIARIDADE INEVITÁVEL:
Maneiras de lembrar um nascimento

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Área de Artes Visuais do Instituto de Artes da
Universidade Federal de Uberlândia como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Artes Visuais

Uberlândia, 10 de novembro de 2023

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dra^a. Clarissa Monteiro Borges
Universidade Federal de Uberlândia

Prof^ª. Dra^a. Ana Helena da Silva Delfino Duarte
Universidade Federal de Uberlândia

Prof^ª. Dra^a. Patrícia Andrea Sotto Osses
Universidade Federal de Uberlândia

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família que se dispôs a participar do meu projeto, em especial minha mãe, que confidenciou parte de sua história para esta pesquisa, e que é sempre tão sincera e realista quanto aos seus sentimentos e as condições do meu nascimento.

À artista, mãe, fotógrafa, professora e minha orientadora, Clarissa Borges, agradeço o suporte e instrução que me foram de extrema importância durante o último ano de graduação. Além de ajudar na montagem da minha mostra e me direcionar quanto à maneira de pensar meu trabalho, foi quem me apresentou a maior parte das referências artísticas intrínsecas neste percurso.

Às professoras da banca Aninha Duarte e Patrícia Osses, duas artistas e mulheres que admiro muito, agradeço a disposição de avaliarem esse projeto feito com muito carinho. Cada uma de vocês me marcou de maneiras diversas e foram fundamentais para minha formação como artista visual.

Aos meus colegas de curso, sobretudo Marcos Azevedo, pela disponibilidade e talento no registro da abertura da minha mostra e Jacqueline Castro e Isabella Flávia, pela assistência imprescindível na montagem da minha exposição, além de apoio emocional nos tempos de fim de curso.

Agradeço também ao meu namorado, Pedro Silvestre, um dos maiores entusiastas do meu trabalho, a quem recorri muitas vezes em momentos de angústia. Ele me fez lembrar assiduamente, durante o processo, a potência que há em mim.

Por fim, à Universidade Federal de Uberlândia - UFU agradeço por me proporcionar um ensino superior gratuito de qualidade, o qual apesar das adversidades, fez da minha experiência na universidade satisfatória, interferindo de forma positiva no meu crescimento pessoal.

RESUMO

Esta pesquisa buscou transformar uma história autobiográfica, de um nascimento a partir da visão e lembrança de quatorze familiares, em uma obra de Artes Visuais. O objetivo do projeto teórico se deu a partir da busca por referências bibliográficas de cunho maternal, feminista e criativo, de maneira a entender o papel da mulher nas artes visuais, tanto como artistas quanto quando retratadas, os quais, em fusão com entrevistas feitas à família, geram um projeto artístico ilustrativo, textual e de instalação. Para alcançar esse objetivo de produção foi necessário revisar estudos teóricos e produções artísticas desenvolvidas durante a graduação com temática semelhante à deste trabalho, além de discussões com corpo docente e discente que fomentam a criatividade e ampliam o olhar quanto a possibilidades na produção artística individual.

Palavras-chave: nascimento; maternidade; memória; feminismo; ilustração; instalação.

ABSTRACT

This research aimed to transform an autobiographical story, starting from the perspective and memories of fourteen family members, into a work of Visual Arts. The theoretical project's objective emerged from the exploration of bibliographical references related to maternity, feminism, and creativity, with the aim of understanding the role of women in visual arts, both as artists and as portrayed individuals. Through a fusion of these references with family interviews, it resulted in an illustrative, textual, and installation-based artistic project. To achieve this production goal, it was necessary to revisit theoretical studies and artistic productions developed during undergraduate studies with a theme similar to this work. Additionally, discussions with faculty and students were conducted to foster creativity and broaden perspectives on possibilities in individual artistic production.

Keywords: birth; motherhood; memory; feminism; illustration, installation.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1-	Foto mãe e filha, 2000.	17
FIGURA 2 -	Beatriz Pagano Couto. “Filha da Maternidade: perspectivas na história de um parto”, 2022	19
FIGURA 3 -	Beatriz Pagano Couto. “Filha da Maternidade: perspectivas na história de um parto”, 2022	19
FIGURA 4 -	Beatriz Pagano Couto. “Filha da Maternidade: perspectivas na história de um parto”, 2022	19
FIGURA 5 -	Nazareth Pacheco, “Sem Título”, 1993	20
FIGURA 6 -	Mariana Cortez, Estudos fotográficos. Fotografia Digital, 2019.....	21
FIGURA 7 -	Mariana Cortez, Estudos fotográficos. Fotografia Digital, 2019.....	21
FIGURA 8 -	Mariana Cortez, Estudos fotográficos. Fotografia Digital, 2019.....	21
FIGURA 9 -	Paula Modersohn-Becker, “Auto-Retrato no 6º Aniversário de Casamento”, 1906	22
FIGURA 10 -	Beatriz Pagano Couto. “Sem Título”, 2022	23
FIGURA 11 -	Beatriz Pagano Couto. “Sem Título”, 2022	23
FIGURA 12 -	Beatriz Pagano Couto. “Sem Título”, 2022	23
FIGURA 13 -	Beatriz Pagano Couto. “Sem Título”, 2022	23
FIGURA 14 -	Beatriz Pagano Couto. “Hipóteses da Maternidade: uma viagem artística pelo corpo gestacional na visão de uma filha”, 2022.....	24
FIGURA 15 -	Beatriz Pagano Couto. “Hipóteses da Maternidade: uma viagem artística pelo corpo gestacional na visão de uma filha”, 2022.....	24
FIGURA 16 -	Beatriz Pagano Couto. “Hipóteses da Maternidade: uma viagem artística pelo corpo gestacional na visão de uma filha”, 2022.....	25
FIGURA 17 -	Beatriz Pagano Couto. “Hipóteses da Maternidade: uma viagem artística pelo corpo gestacional na visão de uma filha”, 2022.....	25
FIGURA 18 -	Nicola Costantino. Série: “Trailer”, 2010	25
FIGURA 19 -	Nicola Costantino. Série: “Trailer”, 2010	26
FIGURA 20 -	Nicola Costantino. Série: “Trailer”, 2010	26
FIGURA 21 -	Beatriz Pagano Couto. “Sem Título”, 2022	27
FIGURA 22 -	Beatriz Pagano Couto. “Memória”, 2023	28
FIGURA 23 -	Beatriz Pagano Couto. “Memória”, 2023	28

FIGURA 24 -	Beatriz Pagano Couto. “Memória”, 2023	28
FIGURA 25 -	Imagem do sketchbook, 2023.....	30
FIGURA 26 -	Imagem do sketchbook, 2023.....	30
FIGURA 27 -	Imagem do sketchbook, 2023.....	30
FIGURA 28 -	Imagem do sketchbook, 2023.....	30
FIGURA 29 -	Sophie Calle. Vista geral do espaço expositivo no SESC Pompéia “Cuide de você”, 2009.....	31
FIGURA 30 -	Sophie Calle. Vista geral do espaço expositivo no SESC Pompéia “Cuide de você”, 2009.....	31
FIGURA 31 -	Sophie Calle. Vista geral do espaço expositivo no SESC Pompéia “Cuide de você”, 2009.....	31
FIGURA 32 -	Jocarla Oliveira Gomes. “XIII - PAUSA”, 2022	33
FIGURA 33 -	Marlene de Fáveri. “XVI - PONTADAS”, 2022	34
FIGURA 34 -	Imagem do sketchbook, 2023.....	35
FIGURA 35 -	Foto abertura da Exposição. “Familiaridade Inevitável”, 2023	36
FIGURA 36 -	Foto abertura da Exposição. “Familiaridade Inevitável”, 2023	36
FIGURA 37 -	Foto abertura da Exposição. “Familiaridade Inevitável”, 2023	37
FIGURA 38 -	Cildo Meireles. “A Bruxa”, 1979	38
FIGURA 39 -	Paulo Lima Buenoz. “Dis-placement”, 1996-97	39
FIGURA 40 -	Foto abertura da Exposição. “Familiaridade Inevitável”, 2023	40
FIGURA 41 -	Foto abertura da Exposição. “Familiaridade Inevitável”, 2023	40
FIGURA 42 -	Foto abertura da Exposição. “Familiaridade Inevitável”, 2023	41
FIGURA 43 -	Foto abertura da Exposição. “Familiaridade Inevitável”, 2023	41
FIGURA 44 -	Foto abertura da Exposição. “Familiaridade Inevitável”, 2023	41

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	FAMÍLIA	14
2.1	GESTAÇÃO	15
2.2	NASCIMENTO	16
3	PERCURSO	18
3.1	FILHA DA MATERNIDADE	18
3.2	HIPÓTESES DO MATERNAR	20
3.3	SILÊNCIO INOCENTE	26
4	INVESTIGAÇÃO	29
4.1	EXECUÇÃO	32
4.2	EXPOSIÇÃO	36
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	BIBLIOGRAFIA	44
	APÊNDICE A - RETRATOS	46
	APÊNDICE B - MENINA E O MATERNAR	61
	APÊNDICE C - REMEMORAR	79

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa investigou algumas perspectivas da maternidade nas artes visuais a partir dos olhos de uma filha. Mergulhei em minha história pessoal para entender a maternidade vivida pela minha mãe, desde a gravidez até o meu nascimento. Foi imprescindível desvincular o olhar de julgamento sobre uma gravidez jovem vivida pela minha mãe e as decisões tomadas por ela naquela época. Desenvolvendo assim, um projeto artístico que vai da ilustração à instalação, com uso de materiais diversos e inclui também descrições familiares a fim de narrar tal enredo.

Mas, mesmo em um trabalho autobiográfico é importante investigar teórica e artisticamente o assunto. Neste caminho foi importante explorar algumas questões nesta pesquisa. Para a parte teórica fiz um estudo sobre como a mulher e a maternidade são representadas nas artes visuais e tentei reconhecer a temática da maternidade para além da visão patriarcal, examinando referenciais de obras com conteúdo materno de determinados autores e pesquisadores e como elas influenciaram nas suas produções, reconhecendo os períodos das obras e seus contextos.

Na parte prática e artística desta pesquisa busquei vasculhar trabalhos produzidos durante o curso e materiais utilizados para essas produções que tenham temática semelhante a da pesquisa, e também senti a necessidade de entrevistar meus familiares mais próximos sobre o meu nascimento, dando ênfase nas memórias vivas da minha mãe. No capítulo 2, abordo questões familiares e exponho os fatos ocorridos a partir de minha visão, de maneira a introduzir a narrativa aqui pesquisada.

Em seguida, no capítulo 3, retomo pesquisas e obras elaboradas durante a trajetória de graduação no curso de Artes Visuais na Universidade Federal de Uberlândia, relembro o início do contato pessoal com materiais e proporções desses trabalhos. Com o propósito de exibir a força que meus trabalhos anteriores tiveram para impulsionar o desenvolvimento desta pesquisa e a mostra aqui apresentada, trago imagens dos projetos, a fim de demonstrar também o crescimento pessoal necessário durante o curso e para o desenvolvimento do projeto final “Familiaridade Inevitável”.

Por fim, apresento o fruto deste trabalho em sua totalidade – “Familiaridade Inevitável”, no capítulo 4. Apresentando referências imagéticas de outros artistas, amarro o trabalho autoral com detalhes de obras potentes em sua totalidade. Uma exposição que visa rememorar os fatos trazidos no capítulo 2, inevitavelmente desfigurados pela memória e pelo tempo, dividida em três obras que se complementam, o projeto é composto por “Genealogia”, uma árvore

genealógica contendo os familiares que participaram desse projeto, seguido das memórias da minha mãe “Menina e o materno” e finalizando com “Rememorar”, composto pelas lembranças de meus outros familiares.

2 FAMÍLIA

Lembro-me da primeira vez que uma professora do Ensino Fundamental I estava comentando todas as qualidades das crianças da minha sala. As qualidades iam de mais inteligente a mais engraçada, contudo, fui limitada a beleza física, e não estava satisfeita em ser resumida a algo tão superficial, ao meu ver.

Foi nesta época que eu comecei a construir a imagem da “menina que nasceu no banheiro”. Nascer no banheiro trazia muito mais interesse a um conhecimento sobre quem eu era, do que a diminuição de ser apenas mais uma criança loira de olhos azuis. Logo, utilizei desse fato para desvincular a imagem superficial de quem eu era.

Não sei ao certo como foi que a história de meu nascimento chegou até mim, mas ao longo dos anos eu tive conhecimento de muitos discursos sobre este fato, tanto a partir de familiares meus, de graus próximos e distantes, tanto por pessoas aleatórias que, até hoje fazem questão de enfatizar meu nascimento com um “acontecimento”. A história sobre como eu vim ao mundo, sem aviso ou preparo, contada por muitos, para mim.

Além da curiosidade, tais histórias me traziam um questionamento sobre qual a opinião dessas pessoas sobre o meu nascimento, já que os contos eram a partir de visões superficiais, sem muito o que dizer, eram muitos comentários sobre como foi surpreendente o fato de minha mãe ter escondido a gravidez ou como ficaram surpresos com a maneira que se deu meu nascimento, mas nunca comentários sinceros, e era perceptível.

E, como curiosa, foi importante desenvolver esse trabalho rememorando minha infância e minha relação com a minha família, assim, nada mais justo que convidar para esse projeto os meus quatorze familiares mais próximos de lados materno e paterno.

Assim, tive contato com pesquisas de artistas como Mariana Cortês (2019), que em sua pesquisa se dirige à relação com a infância, a família e o corpo para o desdobramento do seu eu como artista e mulher. A artista discorre: “... me deixei permear pelo dia-a-dia e percebi que a infância, corpo e família são partes de mim que quando colocadas sob olhar sensível geram movimentos em meu corpo.” (CORTÊS, Mariana, 2019, p.11)

Ao tentar narrar este fato tão inevitável, e sobre inúmeras perspectivas, me questionei sobre como eu realizaria tal tarefa. Senti então que deveria juntar esse emaranhado de histórias e reescrever como um narrador onipresente a minha própria versão em formato artístico, evidenciando a visão feminina e filiar para com tal fato. Para começar este relato farei neste capítulo um breve relato desta história pessoal que alimentou minha produção artística.

2.1 GESTAÇÃO

Crescer é um acontecimento difícil em muitos sentidos, uma decisão sobre quem nos tornamos como pessoas, sobre qual o melhor caminho a se seguir profissionalmente e até sobre com quem percorrer essa trilha. São muitas influências, principalmente familiares, vozes e opiniões que nos moldam durante a infância e adolescência. Uma busca a dar voz a si mesmo e discernir as opiniões próprias e as crenças familiares.

A criação é inundada de opiniões divergentes que geram fluidez no desenvolvimento de um novo referencial para o crescimento da criança. Nessa pesquisa, busquei entender como foi a criação da minha mãe, como se tornou mulher, como se deu sua maturidade e seu desenvolvimento pessoal durante a sua gravidez. Quais os passos que levaram ela a tomar as decisões que tomou nessa virada que se deu no meu nascimento.

Minha mãe cresceu em uma cidade do interior de São Paulo, numa casa que residiam meus avós maternos, ela e minhas duas tias maternas. Infelizmente meu avô materno faleceu muito jovem, então, a casa se tornou uma casa de quatro mulheres, e como filha do meio, minha mãe era a intitulada mais “tranquila” das três filhas.

Antes da contextualização do meu nascimento, é necessário falar do precedente: o início da convivência dos meus pais e a gravidez. Meus pais se conheceram na infância, cresceram em um mesmo pequeno município, e, apesar da diferença de dois anos de idade, os amigos eram os mesmos. Os anos se passaram, foi chegada a adolescência, com ela os beijos na boca e relações, e aconteceu, mas com eles foi necessária apenas uma relação sexual.

Foi em um carnaval que uma relação íntima sem proteção e sem compromisso, em alguns dias, levou a menstruação atrasada, a medos, ansiosos e inconcretude. O que poderia se passar na cabeça de uma jovem de dezenove anos grávida, solteira e recém efetivada no seu emprego? Testes de gravidez, tanto de farmácia quanto de sangue, foram feitos e confirmaram a situação, minha mãe estava grávida. Grávida e solteira, havia engravidado do melhor amigo, uma relação única que gerou reações diferentes em meus pais.

Meu pai estava ciente da gravidez, e também animado e ansioso, porém, o racional era mais forte na minha mãe. O lado maternal dela não se desenvolveu neste momento, não estava pronta, como mulher, para doar parte de si a criação de outro ser humano. No final, o corpo pertence a mulher, com isso, a decisão do que fazer com ele, surgiu então a ideia de abortar.

A favor ou contra um aborto, houve uma tentativa. Foi a compra de um remédio que diziam usar para efetuar abortos caseiros que se seguiu a trama. Uma briga entre princípios, entre meus pais, sobre certo e errado, e que, no fim, não fez diferença.

Por muitos anos me foi excluída essa parte de minha história, comentavam com minha mãe que seria muito traumático saber que foi feita uma tentativa de aborto narrada a mim. O que não entendiam era que eu iria enxergar minha mãe como pessoa, uma pessoa que age e que lida com as consequências dos próprios atos, uma pessoa imperfeita e uma visão da minha parte sem julgamentos. Entendi como mulher que as decisões foram tomadas como minha mãe sentiu que deveriam, e que o aborto faz parte da vida da mulher que engravida sem querer, que foi uma possibilidade.

Sei que a partir dessa tentativa houve um sangramento, e, a partir daí, até mesmo para minha mãe é difícil narrar esse momento até o dia do meu nascimento. Havia muito trabalho e ligeireza envolvido no seu dia-a-dia, bem como, suponho eu, rejeição em acreditar que o procedimento não tivesse funcionado.

2.2 NASCIMENTO

No dia de meu nascimento minha mãe acordou bem cedo com o que ela havia imaginado ser uma cólica muito forte. Então, avisou no trabalho que iria apenas no período da tarde por causa da dor. Era a única solteira em uma casa com quatro mulheres, minha avó visitava o namorado da época em outra cidade no dia do ocorrido.

As dores iam e voltavam, tal qual contrações, mesmo que ainda não tivesse assimilado tal fato à situação, minha mãe tomou os remédios que tomava quando tinha cólica, colocou compressa quente na barriga, mas as dores não melhoravam. As contrações duraram por volta de quatro horas seguidas. Então, em um momento de desespero e muita dor nesse meio tempo resolveu correr e pedir ajuda para minha tia materna. Procurou então sua irmã mais velha, que se arrumava para ir trabalhar e que sabia da tentativa da gravidez e da tentativa de aborto, porém havia certeza de que o aborto tinha sido um sucesso, e que assim como minha mãe, pensou que não havia mais um bebê na cronologia de suas vidas.

Minha tia por sua vez ligou para o namorado, que chegou e também ficou sem muito o que fazer. Quando os três enfim decidiram ir para o hospital, chamaram o elevador do prédio em que elas moravam, mas não deu tempo e minha mãe “voltou para trás”, como relatado por ela. Num movimento instintivo e doloroso correu para o banheiro da suíte rotineiramente habitada por minha avó, mas não naquele dia, e se trancou. No dia oito de dezembro de mil novecentos e noventa e nove, eu e minha mãe o habitamos.

Minha mãe seguiu de maneira muito intuitiva, como será visto nos próximos capítulos a partir de projetos artísticos imagéticos, sabia que tinha que fazer força, enquanto minha tia

materna chamava uma ambulância do lado de fora do banheiro, gritando com a mulher parindo, minha tia materna mais nova dormia e o namorado da minha tia, chamado pro apartamento, fumava nervoso na sacada, três jovens adultos desesperados vivendo uma situação inusitada. E, no fim daquela manhã, minha mãe se agachou de cócoras e fez força, muita força. Sentiu a cabeça no meio de suas pernas e finalmente assimilou a situação, teve medo de me machucar e assim que eu escorreguei chão abaixo, ela destrancou a porta do banheiro, sentou no vaso e me recebeu em seus braços, embrulhada nas toalhas recém trocadas do banheiro, e me conheceu. Assim, se deu meu nascimento. (FIGURA 1)

Figuras 1 – Foto mãe e filha, 2000. 130x200mm.



Fonte: Acervo pessoal.

3 PERCURSO

Conforme se passaram os anos dentro do curso de Artes Visuais, a angústia pela busca por pertencimento em temáticas artísticas se fez crescente em meus trabalhos. Em meio a uma pandemia e uma perspectiva de incertezas, senti a necessidade de retornar à universidade com mais intenção. Intenção de me reencontrar nas artes e talvez em mim mesma. Assim, em 2022, quando retornam as aulas presenciais, reinicio a busca por meu percurso artístico por meio de referências teóricas e visuais em conjunto com minha vida pessoal.

Nesse processo tomei consciência de que durante a minha passagem pela universidade estudei muitos artistas, mas, via meu percurso apenas como consequência desse estudo, e então me senti obrigada a explorar o caminho inverso: colocando o percurso como ponto de partida para o estudo dessas pesquisas e projetos artísticos.

A partir de muitos encontros e trocas em sala de aula, com outros alunos e professores, direcionei minha busca a me encontrar como artista, com a certeza de que o primeiro passo era retroceder a quem eu era, como indivíduo, como filha e como mulher.

3.1 FILHA DA MATERNIDADE

Meu contato inicial com o âmbito maternal se deu na matéria de Metodologia em Pesquisa, logo no início do meu retrocesso presencial à universidade pós pandemia. Me foram colocadas muitas questões e áreas de estudos dos professores do meu curso, me obrigando a visitar contextos ainda não habitados na área das artes e o estudo da maternidade nas artes visuais me atraiu mais que as outras.

Com todo meu histórico, minha história e o sonho, ainda distante, de vivenciar a maternidade como mãe, pude perceber que estava intrínseco ali uma parte importante de mim. Desde a minha entrada na adolescência comecei a me imaginar sendo mãe, nunca nem tinha me apaixonado romanticamente, mas me apaixonei pela maternidade, e sabia que seria uma parte muito grande na minha vida, mesmo sem noção de que isso também reverberaria na minha faculdade. Nisso, se deu a busca por uma visão de filha sobre o assunto, já que meu primeiro contato, de fato, com a maternidade tenha sido como filha, e então, a busca por minha primeira percepção no assunto, a de ser uma filha da maternidade.

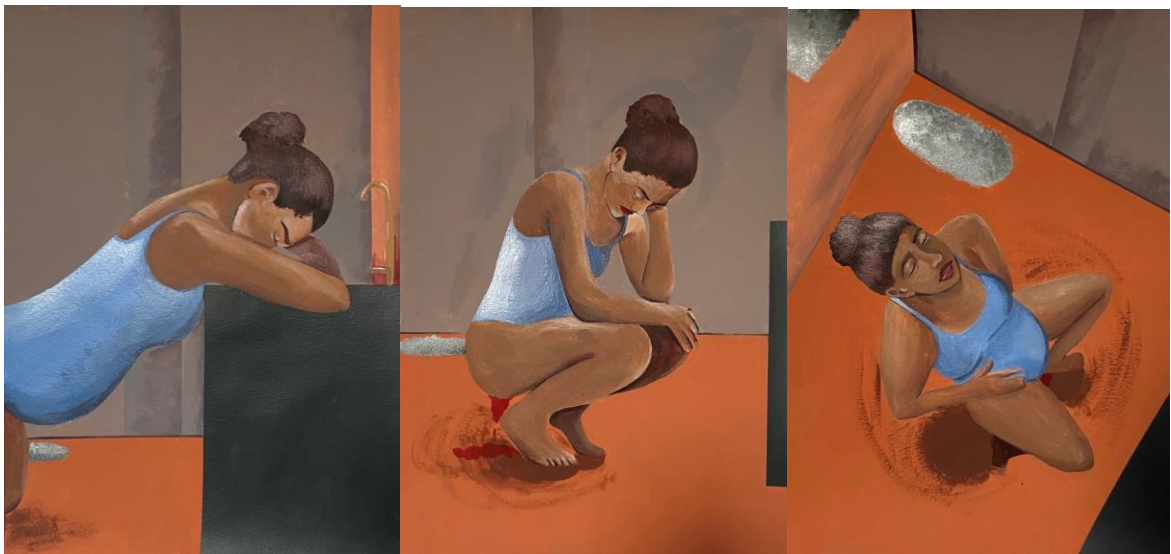
Sabia que era importante me colocar como filha, e absorver a informação de que a maternidade vem de dois lados: o da criança e o da mãe, que são muitas as histórias narradas

pelas mães, e quase nunca pelos filhos que tem poucas ou nenhuma lembrança do fato, além de que nas artes visuais, também é mais abrangente a visão maternal.

Caminho em busca da base do meu estudo, de onde começa a discussão da mulher mãe nos livros de maneira abrangente a realidade da mulher, no capítulo “A mãe” do livro “O Segundo Sexo II”, de Simone de Beauvoir (1980), é discutido sobre a predestinação da mulher, a maternidade e perpetuação da espécie. De como a ideia de função reprodutora foi, há mais de século, dando forças e controle à vontade e escolha da mulher. Isso me remeteu a história do meu nascimento, e me deu força para iniciar minhas produções artísticas.

Meu primeiro conjunto seriado se deu na matéria de Pintura I (FIGURAS 2, 3 e 4), a partir da necessidade de me colocar no ambiente em que nasci, o banheiro. Em busca de destacar o feminino, experimentei uma visão onipresente como uma maneira de suporte e apoio a minha mãe nesse momento em que ela esteve sozinha. Como se isso oferecesse amparo a ela e a mim, de alguma forma.

Figuras 2, 3 e 4 - Beatriz Pagano Couto. “Filha da Maternidade: perspectivas na história de um parto”, 2022. Técnica Mista. 297x420mm.



Fonte: Acervo pessoal.

Nas imagens quis representar um banheiro e uma mulher de cócoras dando a luz, não me atentando a representar fielmente as feições e características da minha mãe, apenas a situação semelhante ao meu nascimento em si. Me concentrei em expressar a força do evento focando nos elementos que habitam o ambiente e da figura feminina representada, de maneira a observar o mesmo acontecimento com a mudança de perspectiva dentro do ambiente, ora de uma visão superior, ora uma visão lateral e ora uma visão ampla do ambiente.

3.2 HIPÓTESES DO MATERNAR

Havia uma imersão constante em minha autobiografia a partir desse primeiro trabalho prático desenvolvido. Logo, foi imprescindível a busca por referências que remetiam a memória pessoal como parte de uma autobiografia, foi então que me lembrei de Nazareth Pacheco. Em “A exteriorização da memória pessoal em Nazareth Pacheco”, escrita por Hiáscara Alves Pereira Jardim (2017), é feita uma análise referencial ao corpo durante os anos de produção de Nazareth Pacheco (São Paulo, 1961). O artigo evidencia, a partir de pesquisa, o fato de que entre os jovens artistas brasileiros, na última década do século XX, houve uma grande influência na experimentação de temas referentes à memória, tanto física quanto psíquica, como é minha pesquisa.

As obras de Nazareth, sobretudo nos anos 1990, manifestam traços memoriais, em que seu direcionamento não se limita ao registro ou narrativa de um evento, mas ao de dar um novo significado a tal acontecimento. (FIGURA 5) Tal fato me fez questionar sobre minhas ideias e as maneiras usuais que eu teria para desenvolver um projeto que tivesse força e um novo significado a partir de memória metafórica e reestruturação psíquica.

Figura 5 - Nazareth Pacheco, “Sem Título”, 1993. fotografia e impressão sobre papel coladas sobre chumbo, 44,3 x 56,1 x 8 cm.



Fonte: <https://acervo.mam.org.br/ficha.aspx?ns=216000&id=4419&c=objetos&lang=PO>.

Envolvida pela ambientalização do banheiro e o encanto com a pintura, na disciplina de Ateliê de Pintura, um dos últimos ateliês do curso, nunca me senti tão próxima a minha mãe e de mim mesma. A partir de questionamentos dos colegas de sala e da professora na minha entrega do trabalho anterior, gerou essa grande pretensão de desenvolver um trabalho que trouxesse feições familiares.

Figuras 6, 7 e 8 - Mariana Cortez, Estudos fotográficos. Fotografia Digital, 2019.



Fonte: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/31466>.

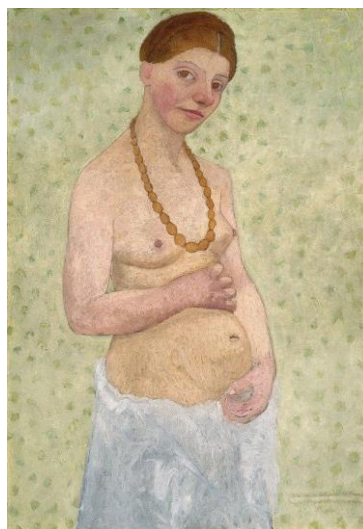
Na busca por esse encontro familiar, tenho contato com obras de artistas como Mariana Cortês (2019), a qual em “Afeto Obrigatório”, disserta sobre ter o feminino como destaque em seus projetos durante o curso, enquanto discute o reconhecimento de voz e potências criativas (FIGURA 5, 6 e 7). Potências essas que geram interesse e admiração, as quais influenciaram a implementar o meu processo nessa pesquisa.

Compreendi que minha arte me impulsionava a dar voz a minha mãe, e no caso, as figuras dela em meus trabalhos representadas. Porém, a partir dessas figuras eu também dava voz a minha arte como tal potência criativa engendrada em mim.

Assim, com todo o desenvolvimento psicológico, de pesquisa teórica e de pesquisa prática até o momento, entendi que era importante me colocar no lugar da minha mãe, e, uma obra de uma artista alemã se tornou a principal influência para um conjunto seriado. Ana Nery

Francelino de Brito (2019) apresenta um olhar crítico sobre Paula Modersohn-Becker, artista alemã que desenvolve uma representação de como se sentia como jovem pintora: fechada, madura e capaz de criar o que quisesse da maneira que bem entendesse, e, nesse caso, grávida, sem ao menos estar (FIGURA 9).

Figura 9 - Paula Modersohn-Becker, “Auto-Retrato no 6º Aniversário de Casamento”, 1906. Têmpera em tela. 101,8 cm x 70,2 cm.



Fonte: <https://artsandculture.google.com/asset>

A artista contrapõe a ideia machista da época de que o corpo nu feminino deveria ser retratado para o deleite masculino, enquanto rebate o aprisionamento matrimonial e expectativas sociais que sofria na época, como uma declaração de liberdade nessa obra potente. Paula Modersohn-Becker se retrata grávida, nua da cintura acima, com um olhar direcionado e igualado ao do espectador, apoiado no tamanho real do quadro.

Com base nessa obra e nas referências anteriores retrato imagens de uma gravidez hipotética, uma gravidez minha, no corpo de uma filha, carregando a mim mesma em meu ventre como forma de desenvolver ainda mais a visão que eu tenho sobre esse acontecimento, de mulher pra mulher, retratando uma história repleta de medos e angústias. Me coloco pra além da situação que minha mãe viveu, visto sua pele.

Iniciei esse processo por meio de colagens digitais (FIGURAS 10, 11, 12 e 13) fundindo fotos minhas e imagens de figuras grávidas retiradas de livros e bancos de imagens. Então, pude desenvolver o ambiente, as feições dessa personagem e pensar nas semelhanças físicas, concluindo o que viria a ser um trabalho auto imagético.

Figuras 10, 11, 12, 13 - Beatriz Pagano Couto. “Sem Título”, 2022. Arte Digital. 297x420mm.



Fonte: Acervo pessoal.

Transbordada por inseguranças quanto a colocar em meu trabalho a minha figura, passei a assimilar que meu corpo e meu rosto se desvincilhariam de mim, se tornando unicamente objetos de estudo. Um estudo que culminou na criação de um conjunto seriado de quatro imagens que representam momentos íntimos do corpo grávido feminino, de como imagino ter sido o desenvolvimento da gravidez de minha mãe do momento do descobrimento da gravidez, até o pós parto, ao segurar a criança em seu colo.

Segui então para o teste e a criação de cores, já que, depois de me aventurar nas têmperas durante as matérias de Cor e Composição, no início do curso, e em Pintura I, esse já no final,

entendi que o processo de desenvolvimento das cores é essencial pra história que se quer contar. Foi utilizado a técnica mista para melhor avivamento situacional.

Os tons pastéis contrastam pouco entre si, mas muito com o tecido vermelho. Enquanto desenvolvia as pinturas (FIGURAS 14, 15, 16 e 17), o olhar para mim mesma foi se tornando mais e mais presente, conjuntamente se tornava incômodo. A cada inspeção no espelho que se fazia desconforto, percebi padrões nos meus traços e vestimentas. Estava sempre vestindo um pijama com a cor vermelha, presente no vestido e tecido das imagens, tentando me desvencilhar do personagem criado para o projeto, enquanto mantinha traços meus, e, conseqüentemente da minha mãe, nesse caso a cor. Um confronto entre calma e força, solidão e conformismo, as cores auxiliaram com a força necessária para este projeto ganhar vida.

As feições desenvolvidas para esse conjunto seriado foram pensadas de forma a evidenciar o descontentamento e negação com a gravidez, além de demonstrar a força que cada quadro traz em si, a linguagem corporal da figura representada e a fuga do olhar para si diante do espelho. Cada momento pensado em como eu me sentiria nessas condições e nesse ambiente, o banheiro, que bem antes do meu nascimento já foi habitado por mim e por minha mãe. Quando o nós já existia, mesmo sem sabermos.

Figuras 14, 15, 16 e 17 - Beatriz Pagano Couto. “Hipóteses da Maternidade: uma viagem artística pelo corpo gestacional na visão de uma filha”, 2022, Técnica Mista. 297x420mm.





Fonte: Acervo pessoal.

Simultaneamente, entendi que minha personagem deveria também representar esse desconforto com a própria imagem, em busca de negar e recusar a situação em que lhe foi cabida. Logo, representei todas as posições com olhares que fogem do espelho, fogem da verdade, nesse ambiente tão singular e isolado, sem necessidade de uma fuga, mas enraizado de uma evasão compulsória de olhar para si mesma. A personagem apresenta feições neutras nas três primeiras imagens, indispensavelmente aflitivas, demonstrando a felicidade apenas na última obra, para refletir os relatos da minha mãe que veremos no próximo capítulo.

Figuras 18, 19 e 20 – Nicola Costantino. Série: “Trailer”, 2010.
Fotografia. 1400x2115mm.





Fonte: <https://www.nicolacostantino.com.ar/trailer-fotos.php>.

Lembrei-me logo do duplo que Nicola Costantino (2010) criou de si mesma e que documentou suas performances com esse duplo a partir do intitulado “Trailer”, em que fez o vídeo, a série fotográfica e a instalação que se complementam nesse mesmo trabalho (FIGURA 18, 19 e 20). O duplo foi, para a artista, uma parceira durante a gravidez, a acompanhando até a hora do parto de seu filho, além de manter eterna a Nicola de antes da gravidez, como foi feito em minhas pinturas, eternizando uma memória que atravessa o tempo.

3.3 SILÊNCIO INOCENTE

A força que agora meu trabalho representava não podia se distanciar de um dos meus últimos ateliês, o Ateliê de Desenho. Entendi que era também essencial retroceder a minha infância, para além do meu nascimento. Voltei a casa dos meus familiares com a intenção de mergulhar nas imagens fotográficas familiares, que me remetiam a lembranças e onde eu aparecia ainda criança e me vi inundada de imagens de uma infância muito feliz, o que me fez considerar até que ponto meu nascimento poderia mesmo vir a ser um trauma, diante de tantas belas imagens e memórias pessoais.

Mas acabei percebendo que eu ouvia mais do que falava. A cada imagem retirada do baú de minha avó, havia uma história. Uma memória de quem esteve comigo, uma memória vivida por mim, contada pelos outros. O que parece muito óbvio, mas também questionável. Porque devemos nos deixar levar pela memória que as pessoas têm da gente se a cada olhar

temos uma perspectiva distinta? São questionamentos válidos, já que afinal, a vida não é um filme que podemos voltar e reassistir os momentos passados, então sem poder conferir, devemos acreditar nas opiniões alheias.

Figura 21 - Beatriz Pagano Couto. “Sem Título”, 2022. Técnica Mista. 750 x 750mm.



Fonte: Acervo pessoal.

Embebida nas falas de cada um, me lembrei de um trabalho de auto retrato feito em Pintura I (FIGURA 21), um retrato sem boca. Nesse âmbito retratando o silêncio feminino na atualidade, essa esquisitice de se calar, quando se quer gritar, em conjunto com a questão de ouvir sobre a memória dos outros sobre minha infância e nascimento, e decidi por colocar essa situação nesse ateliê.

Sendo esse um trabalho denso, se tornou inacabado, mas trouxe conforto emocionalmente. Uma visão intensa sobre mim mesma, como todo e qualquer auto retrato meu, a aparência que desconforta, já que há a falta de uma parte tão imprescindível para a expressão pessoal. De toda forma, sempre achei mais fácil me expressar a partir das minhas mãos nos desenhos e nas pinturas.

Então segui em busca de quais fotografias iria retratar. As que trazem mais conforto são as mais convidativas, e então segui. Uma a uma desenvolvi essa série um tanto angustiante, que pode ser entendida de mil formas (FIGURAS 22, 23 e 24), as quais não cabem a mim solucionar. A certeza era de querer causar algo nos espectadores, reações, sejam elas reações boas ou ruins.

Figuras 22, 23 e 24 - Beatriz Pagano Couto. “Memória”, 2023. Grafite sobre papel. 295 x 167 mm.



Fonte: Acervo pessoal.

O título se deu ao final, através dessa infância silenciada, de vivências inocentes e memórias guardadas em uma caixa e nas histórias contadas pelos outros. Como se fosse a história de um personagem, memórias que trazem certo conforto e, ao mesmo tempo, um distanciamento, bem como ponderar sobre o fato de que nas imagens habita alguém desconhecido, que ao mesmo tempo sou eu. E desse conhecimento, uma busca por reconhecimento pessoal constante.

4 INVESTIGAÇÃO

Não há uma maneira exata de finalizar uma trajetória, ou uma maneira correta de se portar como artista e pesquisador no meio artístico, o qual evolui e atravessa tantas gerações. Porém, há um último passo que dá fim ao ciclo da graduação e inicia o próximo, um autoconhecimento fundamental de quem se é, de quem queremos nos tornar, por meio da profissão que escolhemos e dos passos que damos, em busca de referências profissionais e desenvolvimento próprio.

Nessa investigação, transpasso por artistas que, a partir de seus trabalhos e obras, complementam essa pesquisa para que a exposição ganhe vida. Clarissa M. Borges (2019) observa, em sua pesquisa de doutorado, que em algumas situações históricas é necessário uma contraposição à obrigatoriedade da maternidade. Enquanto reflete sobre os direitos e sexualidade da figura materna, discute sobre a demora por atenção ao tema da maternidade e as maneiras que é abordado, sendo as condições históricas, morais e sociais imprescindíveis para o direcionamento de tais abordagens.

Com isso, deixa evidente a inconstância da maternidade e como ela afeta a produção artística a partir de experiências individuais, cada artista a seu modo, como é o caso dessa pesquisa. Dando um pontapé inicial na maneira de se pensar em como apresentar visualmente esse ato gestacional que influenciou minha família de tantas formas.

A princípio imaginei continuar um projeto de auto retrato fictício me colocando no lugar da minha mãe. Transformando minhas pinturas, apresentadas no capítulo anterior, em fotografias, em que eu adquiriria uma barriga falsa para me representar grávida e utilizaria de um cenário de um banheiro para trazer maior veracidade. Porém, ao longo das reuniões com a orientadora, ficou claro que haviam outros caminhos a se seguir, outras referências e outras maneiras de retratar essa história.

Selecionei um sketchbook específico para as pesquisas e anotações manuais deste trabalho, em que desenvolvi alguns desenhos ilustrativos de figuras humanas anônimas (FIGURAS 25 e 26), as quais busquei referências de fotografias públicas online. Esse exercício contribui na formação de repertório visual, de maneira a conhecer a si e o outro como forma de expressão, observando minhas habilidades na criação de formas tridimensionais, ao mesmo tempo que anunciam características corporais de um indivíduo.

Figuras 25 e 26 - Imagem do sketchbook, 2023.



Fonte: Acervo pessoal.

Posteriormente, elaborei autorretratos que auxiliam no amadurecimento do entendimento da minha auto-imagem (FIGURAS 27 e 28), com ênfase na maneira que meus traços pessoais são observados e enfatizados pelos meus desenhos.

Figuras 27 e 28 - Imagem do sketchbook, 2023.



Fonte: Acervo pessoal.

Nas idas e vindas a minha cidade natal, perpasso incessantemente por narrativas de meu nascimento, como visto no capítulo 2. Com isso em mente e as orientações desta pesquisa, direcionei a execução de minha exposição para narrativa de entrevistas a quatorze parentes mais próximos, com ênfase na minha mãe, e o desenvolvimento de uma árvore genealógica ilustrada para a exposição visual dos retratos desses familiares.

Uma exposição que foi de grande influência nesse momento foi “Cuide de Você” da artista francesa Sophie Calle (2009), apresentada pela primeira vez na 52ª Bienal de Veneza em 2007, e trazida ao Brasil, em 2009 (FIGURAS 29, 30 e 31). Um trabalho com mais de uma centena de mulheres convidadas, de diversas ocupações e idades que, a convite da artista, analisam um e-mail de rompimento recebido por Sophie Calle, com a finalidade de interpretar a mensagem de formas variadas, segundo suas óticas profissionais.

Figuras 29, 30 e 31 - Sophie Calle. Vista geral do espaço expositivo no SESC Pompéia “Cuide de você”, 2009.
Fotos: Everton Ballardin.



4.1 EXECUÇÃO

Primeiramente, para a execução do projeto físico, foi imprescindível a decisão de quais parentes seriam convidados e se aceitariam participar da entrevista, que foi feita em formato online, por conta do distanciamento físico. A proximidade atual e a acessibilidade foram questões de extrema importância para a decisão desses indivíduos, e então chegaram a um total de quatorze parentes dispostos a participar desta pesquisa. Dentre eles estão meus pais, minhas avós, materna e paterna, minhas duas tias paternas e as duas maternas, dois tios do lado materno, três tios avós e uma prima de segundo grau.

Direcionei as perguntas das entrevistas nas dúvidas que mais faziam sentido entre as inúmeras que se instauraram em minha mente baseada nas narrativas sobre meu nascimento trazidas até mim pela minha família. Chegando assim em quatro perguntas destinadas a eles, com exceção da minha mãe, que foi questionada sobre uma visão de coprotagonista, de forma mais pessoal e específica. Sendo as quatro perguntas feitas aos treze, as seguintes:

Como você soube do meu nascimento? Por quem?
 O que você estava fazendo no momento?
 O que você sentiu quando soube?
 Se fosse você no lugar da minha mãe, você faria alguma coisa diferente?¹

Dessas questões surgem respostas, algumas piedosas, algumas pesarosas e outras desprovidas de emoções, diretas, como réplicas de quem anseia a finalização de um questionário em uma avaliação escolar. Sentimentos condicionados a vir à tona, trazidos de uma memória distante, sem a certeza de uma verdade plena, considerando que a memória age nas pessoas de maneiras diferentes ao longo do tempo. Capaz de ser modificada pela própria lembrança, uma das efemeridades que a vida e a idade proporcionam ao ser humano.

A singularidade de cada indivíduo se manifesta, e é imprescindível expor esses ângulos e ideais de cada um a partir de suas falas. Como no projeto “Cartas ao M.A.R.ternar”², em que dezoito artistas brasileiras desenvolveram cada carta de um baralho de tarô em múltiplas linguagens, cada carta recebe um texto autobiográfico correspondente ao desejo singular criativo de contar um pouco de si. As artistas Jocarla Oliveira Gomes e Marlene de Fáveri são

¹ Os textos referentes à exposição serão apresentados nesta monografia com a mesma fonte e cor que foram apresentados na mostra.

² Um projeto do Armazém Espaço Cultural - Mulher Artista Resiste 3 Edição: Imersão, que ocorreu em 2022 e teve como tema Experiências Maternas e Subjetividades.

duas das dezoito artistas envolvidas no projeto coletivo “Cartas ao M.A.R.ternar” (2022), e de maneira original criam e escrevem sobre formas de ver a maternidade, reconhecendo as dores e necessidades de uma mãe e a visão de uma filha diante a figura maternal, respectivamente.

Na carta “XIII - PAUSA” (FIGURA 32), Jocarla Oliveira Gomes dialoga com a ambientalização presente em alguns de meus trabalhos vistos no capítulo anterior e intrínseco na minha história: o banheiro. A fusão da imagem da carta de tarô e do texto da artista demonstram a realidade de uma mãe de gêmeas na atualidade, evidencia então um local de fuga e a necessidade de uma pausa na correria do dia-a-dia.

Figuras 32 - Jocarla Oliveira Gomes. “XIII - PAUSA”, 2022.



Fonte: <https://www.projetoarmazem.com/mar3-virginia-vianna>

Testemunha esse momento para se reconectar com si mesma e memorar que a mulher é mulher, antes de se tornar mãe, em toda sua capacidade de não ser perfeita e enfatiza que a pausa é necessária. Jocarla cria um manual de como tomar tal distanciamento da forma mais sincera quando escreve:

“Conte até 10. PAUSA. Acaricie seu rosto. PAUSA. Se olhe nos olhos. PAUSA. Ouça música. PAUSA. Sinta a água sobre a sua pele. PAUSA. Dance. PAUSA. Grite. PAUSA. Sinta raiva. PAUSA. Chore. PAUSA. Escute-se. PAUSA. Goze. PAUSA. Respire. PAUSA” (GOMES, Jocarla Oliveira, 2022)

Já no texto que acompanha a carta “XVI - Pontadas” (FIGURA 33) Marlene de Fáveri, conta um pouco de sua história a partir de sua mãe, à medida que reconhece seu trabalho maternal, desde sua concepção, ao crescimento no seu ventre e por fim ao seu nascimento e

criação. A artista agradece o ato de ser mulher e vincula sua liberdade à sua mãe no trecho: “Rogo a ti, Mulher, Por me fazer MULHER, Minha mãe!”.

Figuras 33 - Marlene de Fáveri. “XVI - PONTADAS”, 2022.



Fonte: <https://www.projetoarmazem.com/mar3-virginia-vianna>

A partir dessas cartas e referências foram determinados dezoito questionamentos direcionados à minha mãe, para o apontamento de sua visão de maneira ímpar, demonstrando sua personalidade e a maneira que lidou e lida com as situações inevitáveis impostas sobre ela. Essas perguntas são tão direcionadas ao físico quanto ao psicológico e, a partir das respostas, pude ver como a situação reverbera nela até os dias de hoje. As indagações foram as seguintes:

O que você sentiu fisicamente para cogitar a gravidez?
 Quais os testes que você fez? Quais deram positivo ou negativo?
 Como foi pra você quando soube que estava de fato grávida?
 Quais sintomas você teve durante a gravidez? Pode falar sobre o começo, meio e fim.
 Você teve preocupações, medos e inseguranças durante a gravidez? Quais?
 Seu corpo teve muitas mudanças? Você ganhou muito peso?
 Que roupa você estava usando?
 Qual caminho você fez no apartamento?
 Pra quem você pediu ajuda primeiro? Quem soube das contrações?
 Quais seus medos no momento do parto?
 Sentiu que foi instintivo a posição que pariu? Como foi esse momento?

Nesse ponto, os textos das entrevistas já haviam sido diagramados de forma a caberem nos tamanhos escolhidos e nas ideias da disposição da exposição no Laboratório Galeria (Aquário) da Universidade Federal de Uberlândia, todavia, o conjunto visual com a escrita na cor preta não trouxe a potência desejada, então, durante as orientações do projeto, me foi questionado sobre colorir os textos com a cor vermelha, como as linhas desta cor já escolhidas para a instalação, dando insight para uma segunda ideia.

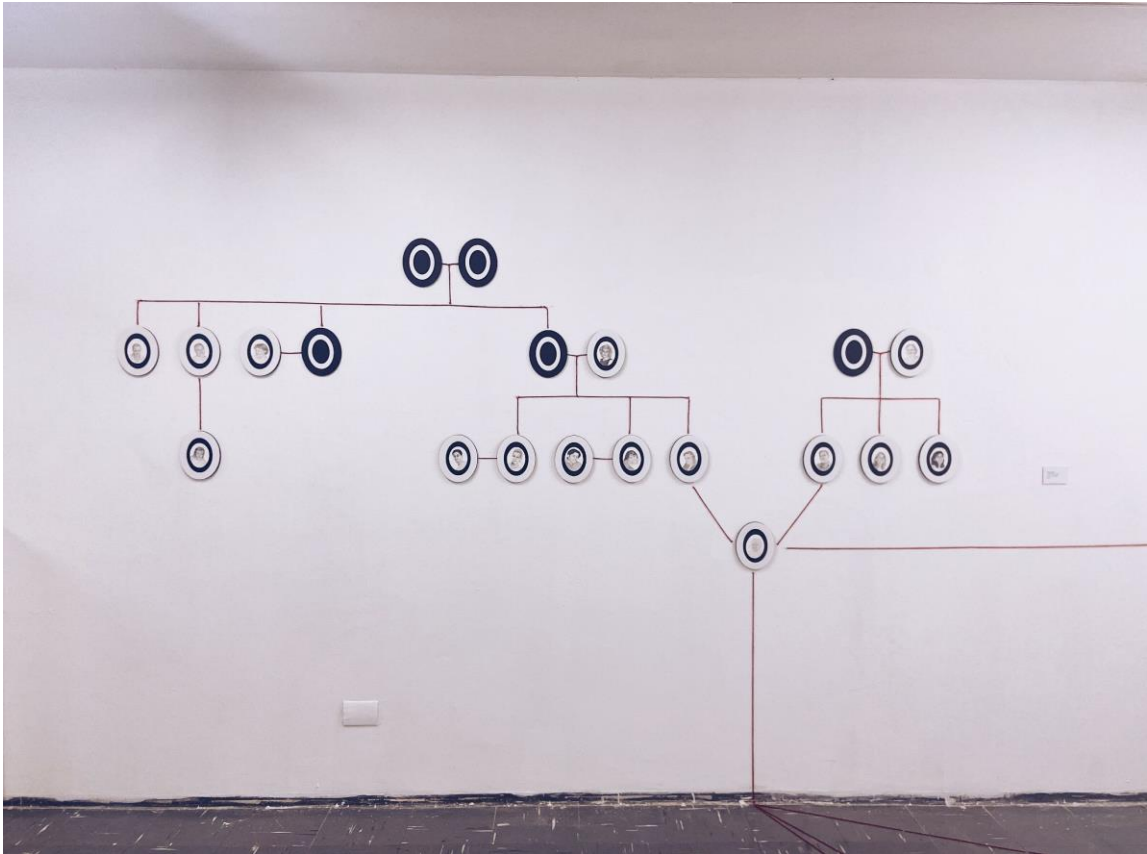
Os textos na cor vermelha e em uma tipografia semelhante a das máquinas de escritas antigas marcam a força do trabalho em conjunto com o preto-e-branco e seus intermédios. A cor vermelha infiltra no trabalho de maneira a dar força, ao indicar a cor do sangue e superstição materna. O fio de lã vermelha, que remete às saídas de maternidade de recém-nascidos, representa proteção, o que é exatamente o que eu quero fazer metaforicamente, acalantar e proteger uma mãe e filha que nasceram e renasceram desamparadas diante a uma natividade caótica.

4.2 EXPOSIÇÃO

O trabalho expositivo que leva o nome dessa pesquisa foi exibido nos dias nove de outubro a treze de outubro de dois mil e vinte e três, no Laboratório Galeria (Aquário) situado na Universidade Federal de Uberlândia, Bloco 1I, Campus Santa Mônica. A disposição no local foi dividida em três partes, nas três paredes disponíveis, sendo a lateral esquerda contemplada com o trabalho “Genealogia” (2023), ligado entre si com linha de material lã e cor vermelha. (FIGURAS 35, 36 e 37), em que os retratos ovais foram dispostos com as ilustrações dos envolvidos no projeto, com moldura de foam board branca, paspatur de foam board preto e a ilustração centralizada.

Figuras 35, 36 e 37 - Foto abertura da Exposição. “Familiaridade Inevitável”, 2023. Foto por: Marcos Azevedo.





Fonte: Acervo pessoal.

Como houve a participação de tios avôs meus, houve a necessidade de inserir alguns familiares falecidos no projeto para a conexão na árvore genealógica, assim, foi decidido inverter a maneira de apresentar essas molduras, já que não haveria uma ilustração, apenas o vazio de suas presenças, porque infelizmente seria impossível esses familiares participarem da pesquisa por motivos óbvios.

Os casamentos são interligados de maneira lateral com fios mais curtos nos retratos enquanto as filiações são representadas por fios verticais. Os fios de lã vermelha, para além da representação de proteção e uma maneira de ligar essa árvore genealógica foram utilizadas de uma segunda forma, foram inspirados em duas obras de arte de dois artistas brasileiros: “A Bruxa” do pintor e escultor Cildo Meireles (1979) e “Dis-placement” (1996-97) do artista plástico Paulo Lima Buenoz.

Figura 38 - Cildo Meireles. “A Bruxa”, 1979. Foto por: José Roberto Cecato disponível na Enciclopédia Itaú Cultural.



Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra13257/bruxa>. Acesso em: 16 de outubro de 2023

A obra de Cildo Meireles consiste em uma vassoura doméstica cujos pêlos são substituídos por barbantes e se estendem indefinidamente (FIGURA 38). Como um instante do delírio que habita o espaço, se colocando de maneira tátil, real e imediata, comenta Felipe Scovino (2018) na revista *Arte e Ensaio* da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Uma obra que incorpora muito bem na maneira de pensar a maneira que minha exposição poderia ocupar o espaço deixando rastros, como os rastros que minha história deposita na vida e nas memórias de tantas pessoas.

No caso da minha instalação, foi importante esbarrar com esse trabalho, para o entendimento de maneiras não usuais de usar uma sala branca para desenvolver uma exposição. Os fios atravessam as obras e de maneira a conecta-las como me conectei com a imagem, texto e narrativa que perpassam por minha história.

Já a instalação de Paulo Lima Buenoz (FIGURA 39) é composta por mobiliário, frascos de remédio, rosas, pigmentos, lona, giz e tinta pva, onde cria um espaço inteiro que se torna uma obra habitável. O que mais me agrega ao meu trabalho é a maneira em que ele trabalha os traços no chão e nas paredes, visto que, além de ser um ambiente artístico visual e habitável, ele recria um espaço conhecido, uma casa, com janelas, portas, mas todas desenhadas.

Figura 39 - Paulo Lima Buenoz. “Dis-placement”, 1996-97. 280 x 690 cm.



Fonte: <https://acervo.mam.org.br/ficha.aspx?ns=216000&id=2408&c=objetos&lang=br>. Acesso em: 31 de outubro de 2023

Ambas as obras refletem na exposição, visto que evidenciam rastros e riscos no ambiente, não aprisionando a ideia de expor uma obra a uma parede, ou a uma moldura, como se desenvolveu a lâ vermelha no meu trabalho expositivo.

Da primeira parede relatada, do meu retrato na árvore genealógica, saem linhas vermelhas que encontram os quadros da parede central (FIGURAS 40 e 41) do Laboratório Galeria, o qual leva o nome “Menina e o materno”, que demonstra essa busca por respostas a qual parte do meu autorretrato e alcança dezoito quadros contendo as respostas de minha mãe, disponíveis para leitura e visualização no APÊNDICE B.

Foi desenvolvido uma ambientalização casa de família na exposição, tanto na maneira de dispor os quadros como na temática. Quadros dispostos como em casas de avós, a divergência entre quadros quadrados e quadros ovais, trouxe o aconchego e familiaridade para com os expectadores da exposição.

Figuras 40, 41 - Foto abertura da Exposição. “Familiaridade Inevitável”, 2023. Foto por: Marcos Azevedo.

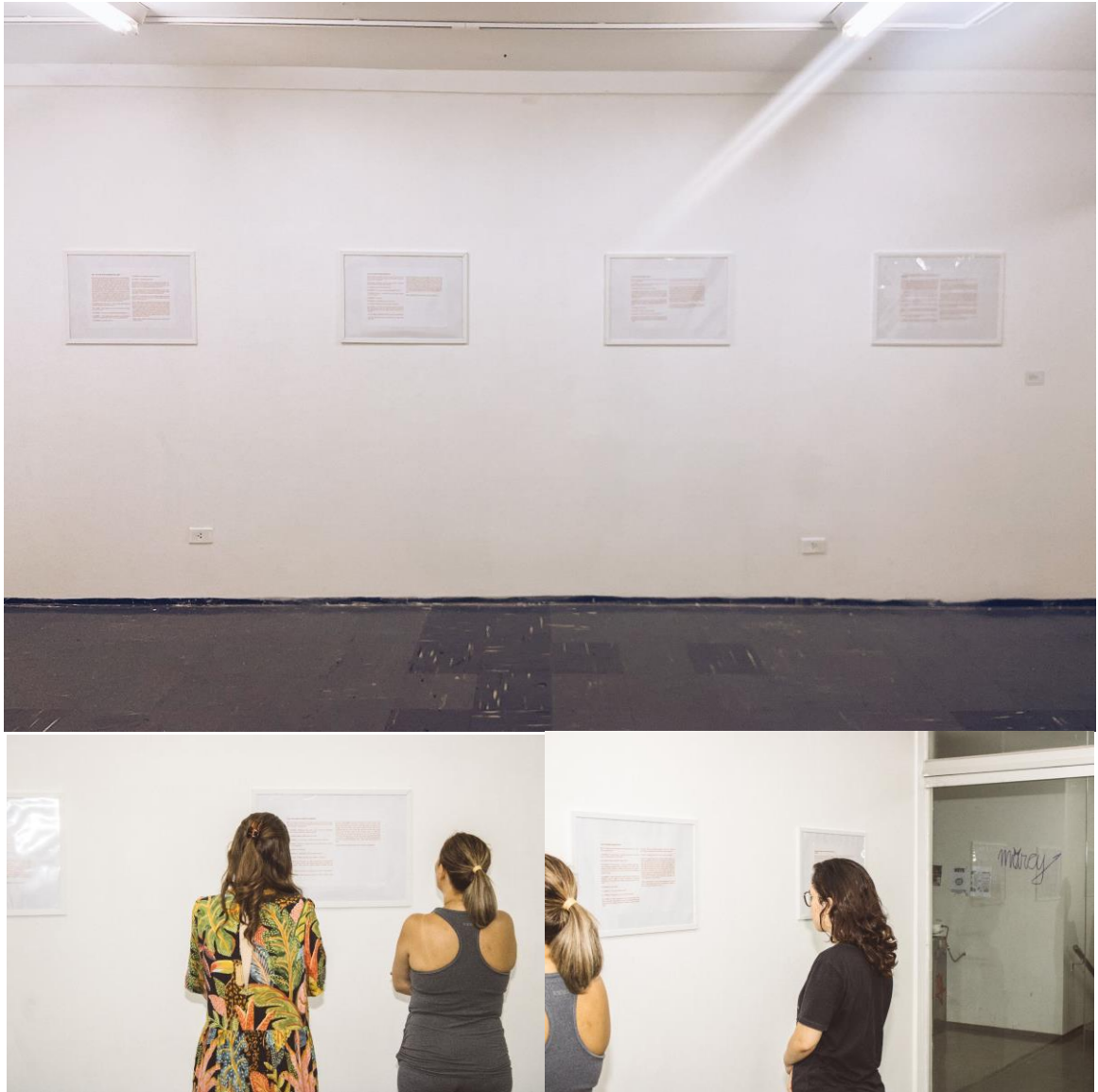


Fonte: Acervo pessoal.

Os quadros dessa parede foram dispostos de forma abstrata para a representação de um ambiente familiar, como uma casa familiar em que o corredor é repleto de quadros com imagens

da família em diferentes épocas e ocasiões, devido às respostas de minha mãe serem uma mistura dessa época passada com a atual, em que as ocasiões fugiam do esperado quanto ao quesito maternidade, enquanto a atual traz com clareza e menos peso tal conjuntura. Entre os quadros há pedaços da lã vermelha que finaliza essa teia de buscas pessoais sobre minha história.

Figuras 42, 43 e 44 - Foto abertura da Exposição. “Familiaridade Inevitável”, 2023. Foto por: Marcos Azevedo.



Fonte: Acervo pessoal.

Por fim, a última parede da galeria é composta por quatro quadros de tamanho 42 x 60 cm (FIGURAS 42, 43, 44), também em moldura branca, dispostos horizontalmente e na sequência das perguntas que foram feitas aos entrevistados. Posicionados lateralmente na mesma altura, concluem a exposição e circuito criado para a leitura dos quadros, que se inicia,

como dito anteriormente, na árvore genealógica cuja obra leva o nome “Genealogia” e finaliza nesse quarteto nomeado “Rememorar”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma mulher, um corpo e uma mente. Os três, em conjunto, lidam uns contra os outros a fim de vislumbrar e omitir tão intensa realidade. Apagam uma cronologia não planejada e não programada. É essa história pessoal e materna que nutre esse projeto, assim, levo o Trabalho de Conclusão de Curso como uma nova forma de identificar a força do meu trabalho e os meios de encontrar essa potência em mim.

As questões desta pesquisa buscaram apresentar a visão maternal e familiar segundo narrativas atemporais, que representam uma história não necessariamente apenas minha, ao tocar aos espectadores da exposição, como se estivessem pessoas de suas famílias ali. A comoção que engendra o trabalho foi fruto de desenvolvimento pessoal e o incentivo a rememorar um acontecimento.

A fim de aprimorar a visão dos fatos e dos pontos de vista aqui presentes, esbarro com um carinho familiar que, devido a distância e a rotina, é esquecido com o tempo mas, que exala conforto. Foi necessário passar por esse decurso durante os anos de faculdade para me entender como mulher, feminista e filha, um fim do ciclo da adolescência e entrada na fase adulta na sua melhor forma, com muito aprendizado.

Se tornou de extrema relevância o estudo teórico para o desenvolvimento das práticas artísticas, desde o início das matérias percorridas nos anos como graduanda, até as matérias relacionadas ao Trabalho de Conclusão de Curso. O teórico se apresentou em formato de texto e imagens de obras de outros artistas que impulsionaram a exposição aqui inserida, como formas de incentivar a prática e de referenciar alguns pontos como as linhas presentes em minhas obras.

Com a investigação e a mostra, surge o anseio de produzir mais, transformar textos e retratos em um livro de artista, ou talvez criar um site desse. Independente de futuras realizações artístico visuais, a pesquisa e aulas do curso das Artes Visuais na universidade foram essenciais para o fomento à pesquisa e reconhecimento pessoal tanto de colegas jovens artistas quanto artistas já consagrados nas áreas dos estudos sobre maternidade e feminismo.

BIBLIOGRAFIA

DUTRA, Mariana Cortes. **Afeto obrigatório**. 2019. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo sexo, vol. II. **A experiência vivida**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

JARDIM, Hiáscara Alves Pereira. **A exteriorização da memória pessoal em Nazareth Pacheco**. Poiésis, Niterói, v. 18, n. 30, p.33-54, dez. 2017.

COSTANTINO, Nicola. **Trailer**. <https://www.nicolacostantino.com.ar/> Acesso em: 25 de Janeiro de 2024.

BRITO, Ana Nery Francelino de. **Um olhar sobre o feminino nas artes visuais contemporâneas**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil, 2019.

SELF-PORTRAIT ON HER 6TH WEDDING ANNIVERSARY. In: Google Arts & Culture. Disponível em: <https://g.co/arts/Pxi7zKW1gmkgvH2S9>. Acesso em: 16 de outubro de 2023.

O DUPLO TEM SUAS RAÍZES MITOLÓGICAS EM ÁGUAS ESTAGNADAS: NÓS NOS RECONHECEMOS COMO VEMOS NOSSAS REFLEXÕES. O ESPELHO TORNA O AUTOCONHECIMENTO POSSÍVEL. In: Nicola Costantino. Disponível em: <https://www.nicolacostantino.com.ar/trailer-txt.php>. Acesso em: 16 de outubro de 2023.

TRAILER - PHOTOGRAPHY. In: Nicola Costantino. Disponível em: <https://www.nicolacostantino.com.ar/trailer-fotos.php#>. Acesso em: 16 de outubro de 2023.

BORGES, Clarissa Monteiro. **O parto nas artes visuais: uma abordagem histórica e feminista do nascimento e da maternidade**. 2019. 318 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2019.2464>

BRASIL, ASSOCIAÇÃO CULTURAL VÍDEO. Sophie Calle – Cuide de você. **Catálogo de exposição**. São Paulo, 2009. Disponível em: <https://site.videobrasil.org.br/exposicoes/calle>. Acesso em: 17 de outubro de 2023.

FÁVERI, Marlene de. XVI.PONTADAS. In: Mulher Artista Resiste 3º Edição. Cartas ao M.A.R.ternar. Armazém Cultural-Coletivo Elza, Florianópolis. 2020. Disponível em: <https://www.projetoarmazem.com/mar3-virginia-vianna?pgid=l0y5cf8c-435eeb27-a01e-4367-9985-2f45d18b6a34>. Acesso em 17 de outubro de 2023.

GOMES, Jocarla Oliveira. XIII.PAUSA. In: Mulher Artista Resiste 3º Edição. Cartas ao M.A.R.ternar. Armazém Cultural-Coletivo Elza, Florianópolis. 2020. Disponível em: <https://www.projetoarmazem.com/mar3-virginia-vianna?pgid=l0y5cf8c-b0ef5580-6d18-4d6c-8adb-7274cdfbfd3>. Acesso em 17 de outubro de 2023.

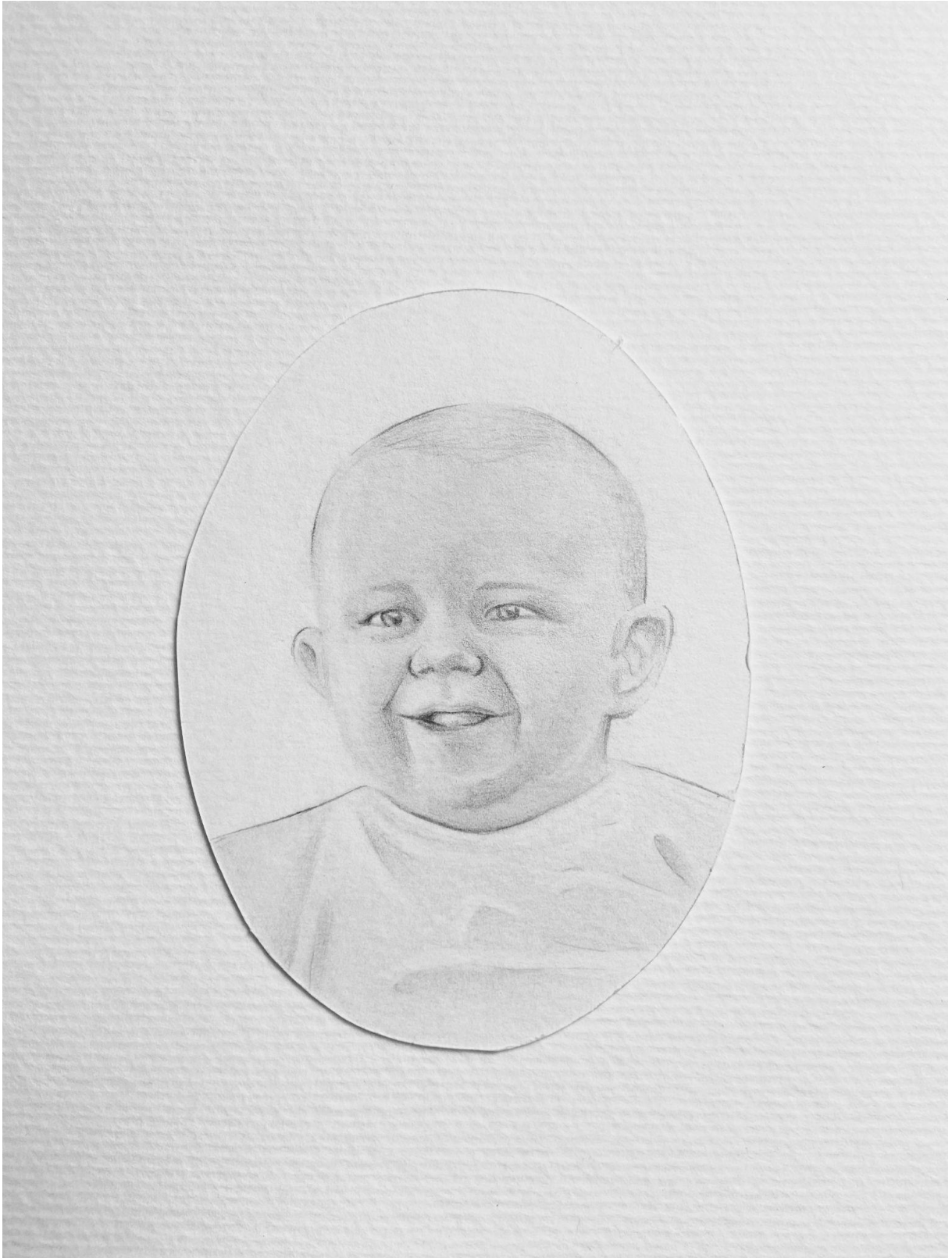
MEIRELES, Cildo. BRUXA. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra13257/bruxa>. Acesso em: 16 de outubro de 2023. Verbetes da Enciclopédia.

SCOVINO, Felipe. Claudio Paiva: o colecionador de linhas. **Arte & Ensaios**, n. 36. 2018.

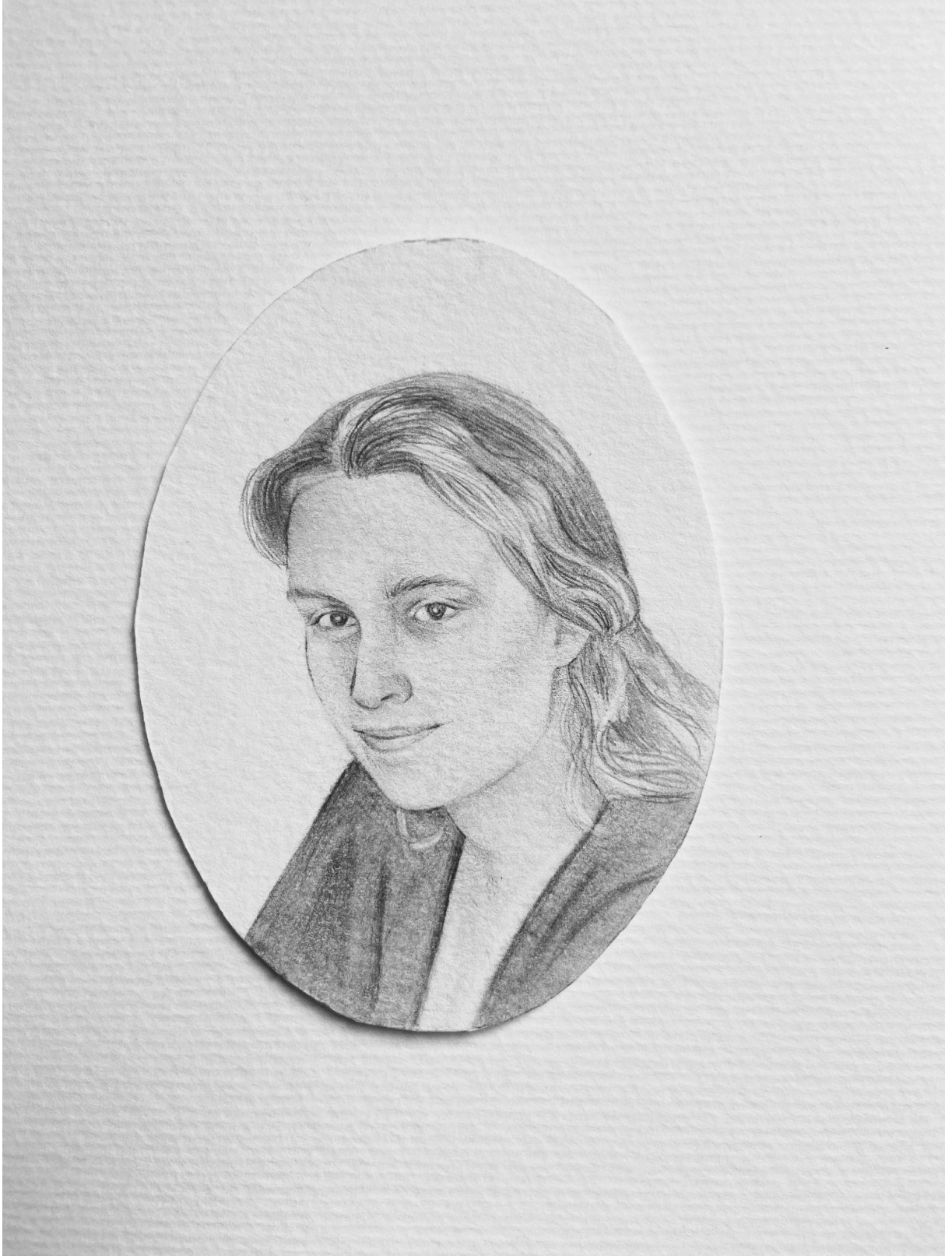
BUENOZ, Paulo Lima. DIS-PLACEMENT. In: Museu de Arte Moderna. Disponível em: <https://acervo.mam.org.br/ficha.aspx?ns=216000&id=2408&c=objetos&lang=br>. Acesso em: 17 de outubro de 2023.

APÊNDICE A – RETRATOS

1. Autorretrato



2. Mãe



3. Pai



4. Avó Materna



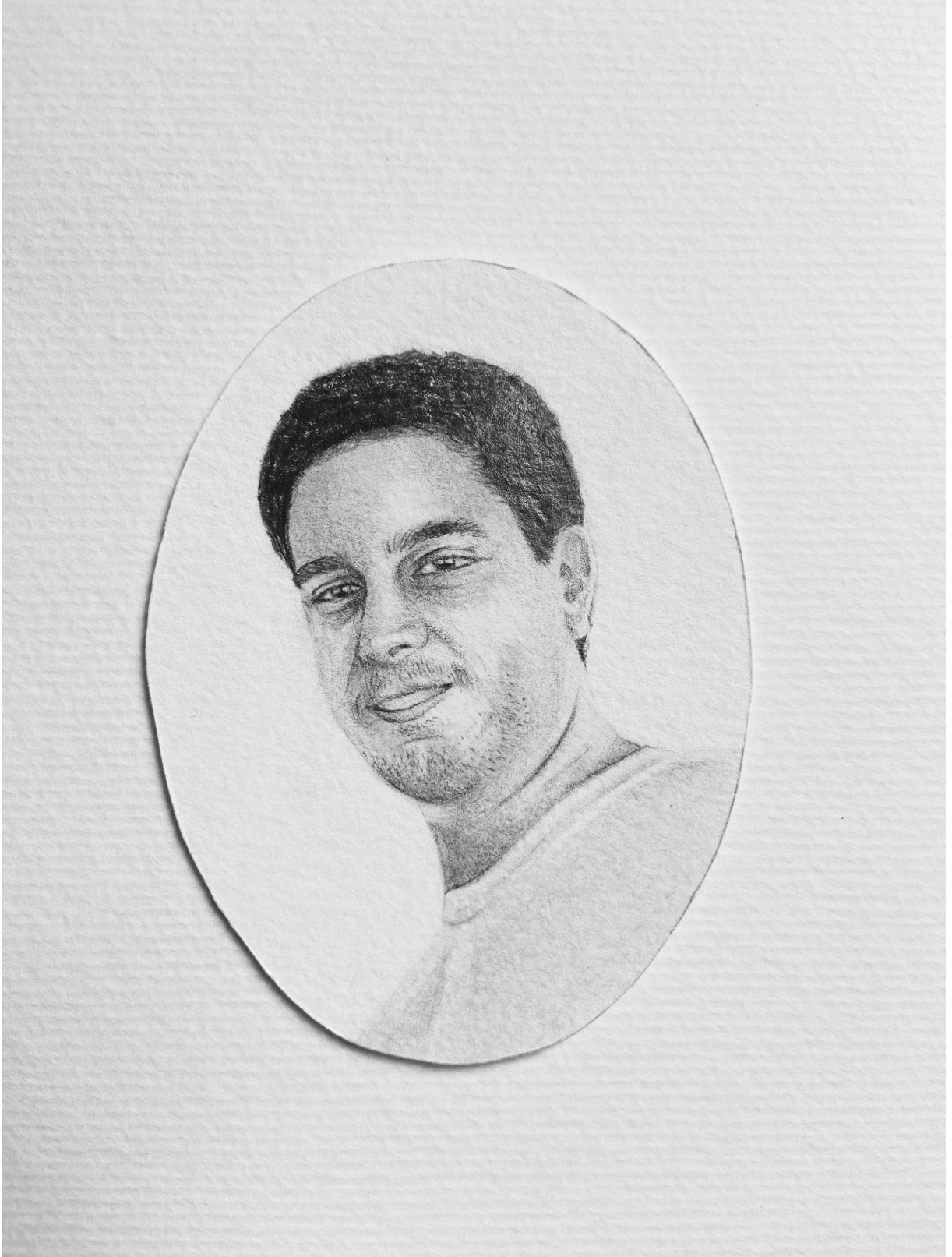
5. Avó Paterna



6. Tia Materna I



7. Tio Materno I



8. Tia Materna II



9. Tio Materno II



10. Tia Paterna I



11. Tia Paterna II



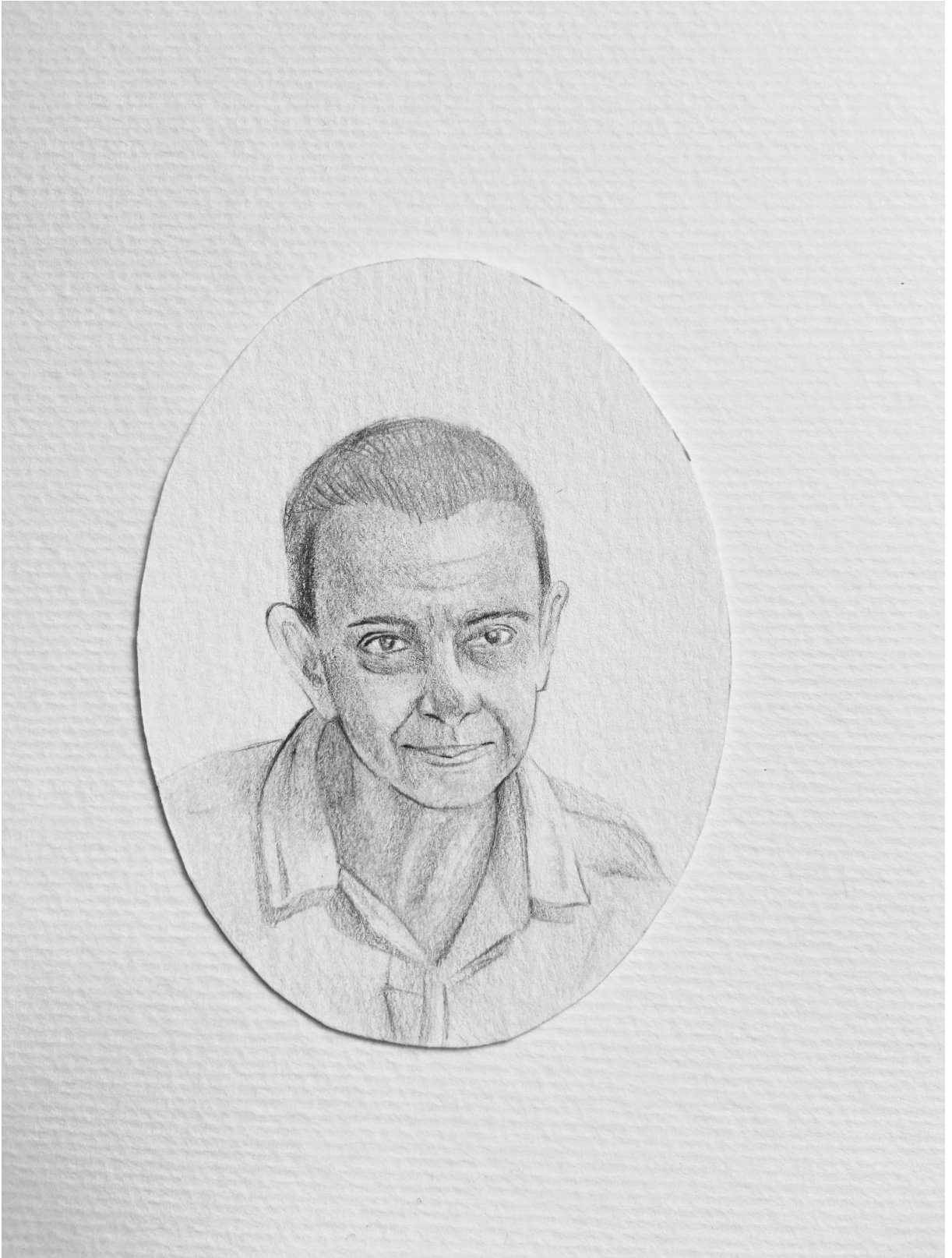
12. Tia Avó I



13. Tia Avó II



14. Tio Avô



15. Prima de II Grau



APÊNDICE B – MENINA E O MATERNAR

1. “Faria alguma coisa diferente?”

Faria alguma coisa diferente?

“Faria pré-natal. De resto nada.”

2. “Quais os testes que você fez? Quais deram positivo ou negativo?”

Quais os testes que você fez? Quais deram positivo ou negativo?

“Primeiro de farmácia, deu positivo, não queria acreditar, falei com seu pai e ele comprou mais um de farmácia, que fiz após tomar cerveja na noite anterior e deu positivo, mas meio apagada a linha, então um amigo que era da turma soube e nos chamou pra conversar e mandar fazer logo o de sangue. No dia seguinte seu pai e outro amigo me buscaram e fomos fazer no laboratório. Saiu à tarde, eu tava trabalhando e ele me ligou pra falar.”

3. “O que você sentiu fisicamente para cogitar a gravidez?”

O que você sentiu fisicamente para cogitar a gravidez?

“Na verdade nada, só fui checar porque a menstruação atrasou, eu não transava há quase 2 anos e estava sem tomar pílula anticoncepcional. Também porque no dia que transei com seu pai, foi sem camisinha, então eu sabia do risco.”

4. “Que roupa você estava usando?”

Que roupa você estava usando?

“Shortinho tipo cueca samba canção, regata de linho. Mas na hora do nascimento estava só de sutiã e blusa.”

5. “Você teve preocupações, medos e inseguranças durante a gravidez? Quais?”

Você teve preocupações, medos e inseguranças durante a gravidez? Quais?

“Medo principal de julgamento, eu não pensava no ‘depois que o bebê nascer’, ‘que mãe eu serei’ ‘como vou criar, sustentar, etc’, era só o momento gravidez, o CONTAR, as pessoas saberem, julgarem, apontarem, etc. Só pensei no ‘sou mãe’ depois que te peguei no colo. De resto era esquecer que tinha um segredo, trabalhar e esquecer, o universo que resolva por mim rs.”

6. “Quais seus medos no momento do parto?”

Quais seus medos no momento do parto?

“Machucar você quando saiu e escorregou pelo chão. Me machucar pela força que tive que fazer. A reação das pessoas, porém o que mais senti foi alívio. Porque não ia ser eu a contar, a coisa ia ser contada pelos outros. Tirei um peso das costas, o segredo. Já tava ali e pronto. Era só viver aquilo.”

7. “Seu corpo teve muitas mudanças? Você ganhou muito peso?”

Seu corpo teve muitas mudanças? Você ganhou muito peso?

“Engordei só 8 quilos, considerando que já estava gordinha, sempre fui, não teve muita mudança visual. A bunda e os peitos aumentaram, minhas veias ficaram mais nitidas no peito.”

8. “Como foi pra você quando você soube que estava de fato grávida?”

Como foi pra você quando você soube que estava de fato grávida?

“Não sei o que senti, um misto de medo e vergonha. Era a única da casa que não tinha namorado e tava grávida. Tava começando a ir bem no emprego, tinha sido efetivada, acabado de virar assistente, antes era estagiária. Não tinha uma relação próxima com sua Avó Materna, tinha medo da reação dela. Medo do julgamento de todos também, claro. Tinha os quatro avós ainda, pensei na vergonha.”

9. “Sentiu medo da maternidade?”

Sentiu medo da maternidade?

“Não. Nenhuma. Muito porque só pensei nisso depois que tirei o peso do segredo, não teve peso de maternidade entende?”

10. “Se arrepende de alguma situação da sua gravidez e do parto?”

Se arrepende de alguma situação da sua gravidez e do parto?

“Me arrependo de não ter cuidado de você durante a gravidez. E de mim também. Porque tive sangramento nasal, ou seja, já devia ser hipertensa e não sabia, podia ter tido pré-eclâmpsia, outras complicações, comprometido sua vida e a minha.”

11. “Quais sintomas você teve durante a gravidez? Pode falar sobre o começo, meio e fim.”

Quais sintomas você teve durante a gravidez? Pode falar sobre o começo, meio e fim.

“Muito pouco sintoma, foi uma gravidez sem enjoos, parei de fumar e beber naturalmente porque não descia, mas nada de vomitar, nem abrir apetite, não pensava no assunto, evitava, então acredito que isso ajudou também. A não ter “desejo”. Única coisa que lembro que tive foi enjojo de um perfume específico que a Tia Materna I usava de manhã.”

12. “Pra quem você pediu ajuda primeiro? Quem soube das suas contrações?”

Pra quem você pediu ajuda primeiro? Quem soube das suas contrações?

“Só Tia Materna I, que chamou o namorado (Tio Materno I).”

13. “Sentiu que foi instintivo a posição que pariu? Como foi esse momento?”

Sentiu que foi instintivo a posição que pariu? Como foi esse momento?

“Sim, totalmente. Fui seguindo o que minha mente mandava meu corpo fazer. Apoiei na pia pra fazer força, coloquei a mão e senti sua cabeça, agachei quando senti necessidade de fazer força novamente. E logo aconteceu.”

14. “Qual caminho você fez no apartamento?”

Qual caminho você fez no apartamento?

“Fui pro banheiro da sua Avó Materna, suite, porque a faxineira ia limpar o nosso banheiro. E a Tia Materna I tava orçando ambulância no telefone do quarto. O Tio Materno I tava na sacada fumando e esperando a gente definir. Porque ele chegou e íamos pro hospital, mas enquanto esperávamos o elevador, eu desisti porque veio a contração e fui pro banheiro de volta. Disse que não aguentava chegar lá sem remédio.”

15. “Você conta que ficou muito confusa depois do uso do remédio, considerava ainda estar ou não grávida, como foi isso? Pensa que foi uma situação ligada ao emocional?”

Você conta que ficou muito confusa depois do uso do remédio, considerava ainda estar ou não grávida, como foi isso? Pensa que foi uma situação ligada ao emocional?

“Eu queria que tivesse funcionado, resolvido. Como tive sangramento leve, acreditei que tinha resolvido. Mas sabia que quem tomava tinha quase hemorragia, e não tive isso, só pouca cólica e sangramento. Então eu acreditei no que eu queria. Sim, tudo ligado ao que minha mente criou, o que queria que fosse.”

16. “Como você se enxerga como mãe?”

Como você se enxerga como mãe?

“Sinto culpa por não sentir culpa de ser maternal. De ser mãezona. Me arrependo de não estar tão presente quando você era pequena, porque fazia muita hora extra, achava que devia pra empresa porque escondi a gravidez. Sinto culpa por não ter ficado 4 meses em casa com você, só 3, voltei a trabalhar antes. Acho que sou o que posso como mãe, acho que sempre fui muito realista com você, talvez fantasiar menos do que devia, me orgulho em não ter nunca te colocado contra seu pai, me orgulho em ser exemplo em alguns pontos, em ver que você se parece comigo em coisas que considero positivas, como responsabilidade, dinheiro, postura com o outro. Sinto culpa no momento por estar escolhendo viver minha vida e não esperar você se estabelecer na sua, mas também sinto que meu papel é esse, soltar pra você voar.”

17. “Como foi pra você tomar a decisão de tomar o Cytotec? Teve Apoio?”

Como foi pra você tomar a decisão de tomar o Cytotec? Teve apoio?

“Eu não achava que era a hora de ter filho. Eu era nova, não estava com o pai da minha filha, ele não trabalhava na época, eu tinha medo e vergonha da minha mãe, dos meus avós, estava indo bem no trabalho, fazia faculdade, um bebê ia bagunçar tudo. Seu pai foi contra, mas eu sabia que a decisão seria minha, que quem teria responsabilidade de um filho seria/e é muito mais da mãe, principalmente da solteira e jovem. Foi uma amiga que disse que conhecia quem vendia, comprei com meu dinheiro. Não lembro da opinião das poucas pessoas quando eu disse que faria, só lembro de uma que disse que jamais faria o mesmo, mas eu já tinha feito e só me senti mais culpada. E a pessoa fez o mesmo depois, ironicamente.”

18. “No dia do meu nascimento, como foi? Você teve cólicas e imaginou que era menstrual, o que aconteceu naquela manhã?”

No dia do meu nascimento, como foi? Você teve cólicas e imaginou que era menstrual, o que aconteceu naquela manhã?

“É muito difícil descrever as coisas que eu senti... porque a cabeça tava em negação, mas de alguma forma eu sabia. Na véspera tive a sensação que ‘saiu’ alguma coisa quando tive a primeira contração leve, dormindo. Mas não tinha saído nada. Acordei com muita cólica e só piorava, avisei no trabalho que não ia cedo, e como a dor foi piorando, mesmo depois de tomar remédio, achei melhor acordar a Tia Materna I, já estava com contração forte, e percebendo que ia e voltava a dor, imaginei que pudesse ser contração, tanto que acordei ela pedindo pra me levar no pronto socorro pois estava tendo alguma coisa, um bebê, perdendo útero, que não tava passando bem. Eu tava com medo mas tava assustada e não queria também apavorar ninguém, fiquei sozinha quase o tempo todo, chamei ela e me tranquei de volta no banheiro. A única posição que melhorava era sentada no vaso, passei quase que a manhã toda de regata e sem calcinha sentada na privada, a dor era grande e vinha da lombar pra frente da barriga. Não fiz barulho pra não assustar a empregada, nem acordar a Tia Materna II que dormia no outro quarto. Eu dormia com a Tia Materna I. Morávamos nós 4, sua vó e as 3 filhas. As empregadas intercalavam a limpeza. Sua vó tava em SP.”

APÊNDICE C – REMEMORAR

1. “Como você soube do meu nascimento?”

Como você soube do meu nascimento? Por quem?

PAI: “Eu estava na academia em Cravinhos e era umas 17 horas. Quando recebi um telefonema da amiga nossa, falando que a sua mãe tinha tido uma neném. Eu perguntei: quem? Foi a sua mãe tinha tomado um remédio para aborto e eu já não falava mais com ela. Chegando em casa encontrei a Tia Paterna II. Ela me perguntou o que estava acontecendo pra eu chegar daquele jeito de moto. Eu contei a novidade pra ela e pedi pra não contar nada para a Vó Paterna, uma que teria que perder tempo ouvindo sermão e outra que leva um tempo pra processar, mas, ao mesmo tempo, ela foi lá e falou que eu tinha uma novidade e si eu tive que contar, si foi o sermão que eu não queria né, falou que não queria ver, não queria nem saber, falou um monte ali na hora. Tomei banho e fui pegar um amigo, falou que iria junto comigo. Ele foi dirigindo o carro pra mim e ele já tinha descoberto onde vocês estavam. Quando cheguei no Hospital eu queria ver você e fui direto para a sala onde ficam os recém-nascidos. Vi o tanto que você era linda, e depois eu fui ver a sua mãe.”

AVÓ MATERNA: “Pela Tia Materna 1, soube ao mesmo tempo que a sua mãe estava grávida e teve uma menina.”

AVÓ PATERNA: “Fiquei sabendo pelo seu pai que chegou com o amigo que tinha ido ver.”

TIA MATERNA I: “Eu soube do seu nascimento por mim mesma, ra.”

TIO MATERNO I: “Soube porque estava presente no dia e vi. Escutei o barulho no banheiro, abri a porta e vi você bem pequenininha.”

TIA MATERNA II: “Eu estava no local.”

TIO MATERNO II: “For telefone, pela Tia Materna 2.”

TIA PATERNA I: “Soube pela minha mãe.”

TIA PATERNA II: “No início da noite do dia em que você nasceu, eu estava saindo e seu pai chegando em casa. Topamos na varanda e ele assustado e feliz me deu a maravilhosa notícia que você havia nascido. Voltei com ele pra ajudar contarmos pra vovó.”

TIA AVÓ I: “Soube do seu nascimento pela Tia Materna II que me ligou aos prantos falando que a sua mãe tinha tido uma criança e, pedi para passar o telefone para empregada que me confirmou.”

TIA AVÓ II: “Eu soube do seu nascimento chegando décima viagem que fizemos para Salvador. Meu filho foi nos buscar no aeroporto e nos contou voltando para casa.”

TIO AVÓ: “Pra começar, nós morávamos em Cravinhos, meu pai, minha mãe e eu. E eu fiquei sabendo pela sua Avó Materna no dia 9 perto da hora do almoço. Dai tocou o telefone, eu atendi, e foi muito engraçado, porque ela falou muito pausadamente, de um jeito muito claro, ela falou: ‘Olha, eu preciso te contar uma coisa, uma novidade, e é o seguinte, a minha filha, sua sobrinha, teve uma menina.’ E eu fiquei perguntando ‘Como? Que isso?’, e ela continuou depois de uma pausa: ‘Ela tava grávida, nós não sabíamos, e ontem, em casa, nasceu uma menina. Uma criança linda, super saudável.’ E eu continuei parado, atônito com a notícia.”

PRIMA II GRAU: “Soube do nascimento pelo meu pai quando foi me buscar na escola.”

2. “O que você estava fazendo no momento?”

O que você estava fazendo no momento?

MEU PAI: “Farei de treinar e fui como um louco de moto até em casa pra tomar banho e ir pra sei lá onde. Acabei esquecendo de perguntar onde sua mãe e você estavam.”

AVÓ MATERNA: “Comprando uma bolsa Louis Vuitton no Shopping Igustemi em São Paulo. Não comprei, lógico!”

AVÓ PATERNA: “Estava trabalhando em casa.”

TIA MATERNA I: “O que eu tava fazendo? Socorrendo a sua mãe.”

TIO MATERNO I: “Estava no apartamento e sua mãe começou a passar mal e foi ao banheiro.”

TIA MATERNA II: “Dormindo.”

TIO MATERNO II: “Almoçando antes de ir para escola.”

TIA PATERNA I: “Estava em casa, após chegar do trabalho.”

TIA PATERNA II: “No momento eu estava saindo pra ir na academia. Mas acabei ficando em casa, pois queria saber todos os detalhes do seu nascimento. Como você era. Quando estaria liberado pra te conhecer.”

TIA AVÓ I: “Estava preparando a Eduarda para leva-la para escola.”

TIA AVÓ II: “Como disse estávamos dentro do carro voltando para nossa casa.”

TIO AVÓ: “No dia seguinte do seu nascimento, eu tava em casa, lá em Cravinhos, desliguei o telefone, em seguida fui lá na sala onde estavam meus pais, lendo jornal e vendo televisão, me lembro, e eu cheguei pros dois e falei: ‘Olha, presta atenção, eu tenho uma notícia surpreendente pra dar pra vocês, mas é uma coisa muito bonita, muito linda, que aconteceu ontem, fiquei sabendo agora, e vocês são bisavós.’ Meu pai imediatamente perguntou se foi o neto mais velho, e eu falei que não, que foi sua mãe. Me perguntaram ‘Mas como? Pois é, eu recebi a ligação agora e relatou isso. Daí fomos no dia seguinte, eu e minha mãe, para Ribeirão Preto, você e sua mãe já estavam em casa.’”

PRIMA DE SEGUNDO GRAU: “Estávamos no carro conversando.”

3. “O que você sentiu quando soube?”

O que você sentiu quando soube?

MEU PAI: “Fiquei em choque, assustado, feliz (pois sempre quis você), tudo ao mesmo tempo.”

AVÔ MATERNA: “Um susto danado é um pouco de medo, até ver vocês duas na maternidade, aí foi só alegria!”

AVÔ PATERNA: “Fiquei assustada e depois feliz.”

TIA MATERNA I: “Eu senti emoção e um certo desespero porque não teve os cuidados necessários, sabe. Na verdade eu acho que eu mais sosseguei a hora que chegou o resgate e viu que tava tudo bem com todo mundo. Aí, nem sei o que eu senti, fiquei meio anestesiada tomando atitude.”

TIO MATERNO I: “Fiquei sem saber o q fazer fui para a sacada a Tia Materna II abriu a janela do quarto e perguntou que estava acontecendo, fui ao quarto dela e disse que sua mãe tinha tido um bebê.”

TIA MATERNA II: “Medo. Susto.”

TIO MATERNO II: “Fiquei sem entender nada.”

TIA PATERNA I: “Surpresa, pois nunca soube da gravidez.”

TIA PATERNA II: “Fiquei imensamente feliz e ansiosa. Muito, muito grata a Deus por te dar proteção, saúde. Um dos momentos de minha vida em que tive a certeza absoluta da presença de Deus em nossas vidas.”

TIA AVÔ I: “Nem sei o que dizer exatamente o que senti.... Lembro de ter sentado e pedi para Mair levar a Renata para minha casa.”

TIA AVÔ II: “Quando soube senti um misto de susto com alegria.”

TIO AVÔ: “A notícia chegou pra gente assim, como uma surpresa, uma coisa surpreendente, né, porque ninguém esperava, mas por outro lado, com muita alegria, com muita felicidade, até porque você era uma nenezinha linda e toda saudável. Então foi muita alegria, foi assim que a gente recebeu essa notícia. E meu pai principalmente, por ser a primeira bisneta dele, e é uma coisa que a gente fica pensando né, porque ele conheceu você, você não conheceu ele, porque ele morreu em março do ano seguinte, portanto menos de três meses, então foi isso, infelizmente ele não pode conviver com você, mas o curto período que ele te conheceu e que você apareceu aqui no planeta, ele ficou encantado com a sua presença.”

PRIMA DE SEGUNDO GRAU: “Fiquei confusa/assustada, pois ele contou que eu tinha ganhado uma prima e eu não sabia de ninguém de tios/primos que estivesse para ter nenê!”

4. “Se fosse você no lugar da minha mãe, você faria alguma coisa diferente?”

Se fosse você no lugar da minha mãe, você faria alguma coisa diferente?

MEU PAI: “Se eu faria alguma coisa diferente da sua mãe? Eu acho que não tomar o remédio e assumir, como eu queria ter feito. Ah, e de fazer o enxoval né, uma outra coisa que eu faria diferente, porque foi uma correria, viu, no dia eu tive que ir atrás de um monte de coisa, a família, né, foi atrás das coisas pra comprar roupa, enfim, não tinha nada. Fora o tanto que a gente ganhou né, carrinho, ganhou um monte de coisa, a grande maioria era da Prima de Segundo Grau.”

AVÔ MATERNA: “Apesar do medo dos meus pais, teria contado pra eles.”

AVÔ PATERNA: “Se fosse eu ficaria feliz com gravidez e falaria para todos.”

TIA MATERNA I: “Eu faria diferente, eu teria contado, eu não ia conseguir segurar, de jeito nenhum.”

TIO MATERNO I: “Difícil julgar mas acho q teria contado bem antes para a família.”

TIA MATERNA II: “Difícil responder. Ao mesmo tempo que acho que não conseguiria esconder, não passei por isso, então não sei qual seria minha reação.”

TIO MATERNO II: “Se fosse eu não aguentaria todo esse tempo sem contar, eu abriria para todo mundo.”

TIA PATERNA I: “Poderia dizer que sim, mas é difícil falar, pois éramos bem mais novas e hoje em dia somos mais maduras para tomar

decisões. Além disso, cada um tem seu jeito de pensar e agir, só quem está passando por esse momento para falar.”

TIA PATERNA II: “Como saber? Precitaria sentir todos os medos, inseguranças, tudo o que ela passou durante a gestação. Mas queria ser mais próxima da sua mãe pra poder ajudar de alguma forma nesse momento difícil. Mas Deus cuidou muito bem dela e no final o milagre da vida aconteceu.”

TIA AVÔ I: “Difícil dizer, ou melhor, me colocar no lugar da sua mãe. Confesso que fiquei com um sentimento de pens dela não ter se aberto com ninguém. Um vez ela me disse, nessa época, dava carona de volta para ela todos os dias do trabalho e, muitas vezes ela subia e tomávamos uma cerveja juntas. Depois de um tempo me disse que tinha ensaiado várias vezes de me contar... mas perdia sempre a coragem.”

TIA AVÔ II: “Se eu, naquele tempo, tivesse a cabeça de sua mãe, acho que teria feito exatamente igual. Acho sua mãe muito autêntica. Ela enfrentou uma ‘barra’ sozinha!”

TIO AVÔ: “Na verdade assim, eu acho que ela aguentou uma barra sozinha, ela poderia ter dividido isso, pra ficar mais leve pra ela. Mas enfim, acabou dando tudo certo, e você tá aí hoje uma moça linda, simpática, que a gente quer muito bem.”

PRIMA DE SEGUNDO GRAU: “Se eu fosse sua mãe acho que eu não teria aguentado guardar isso sozinha por tanto tempo!”